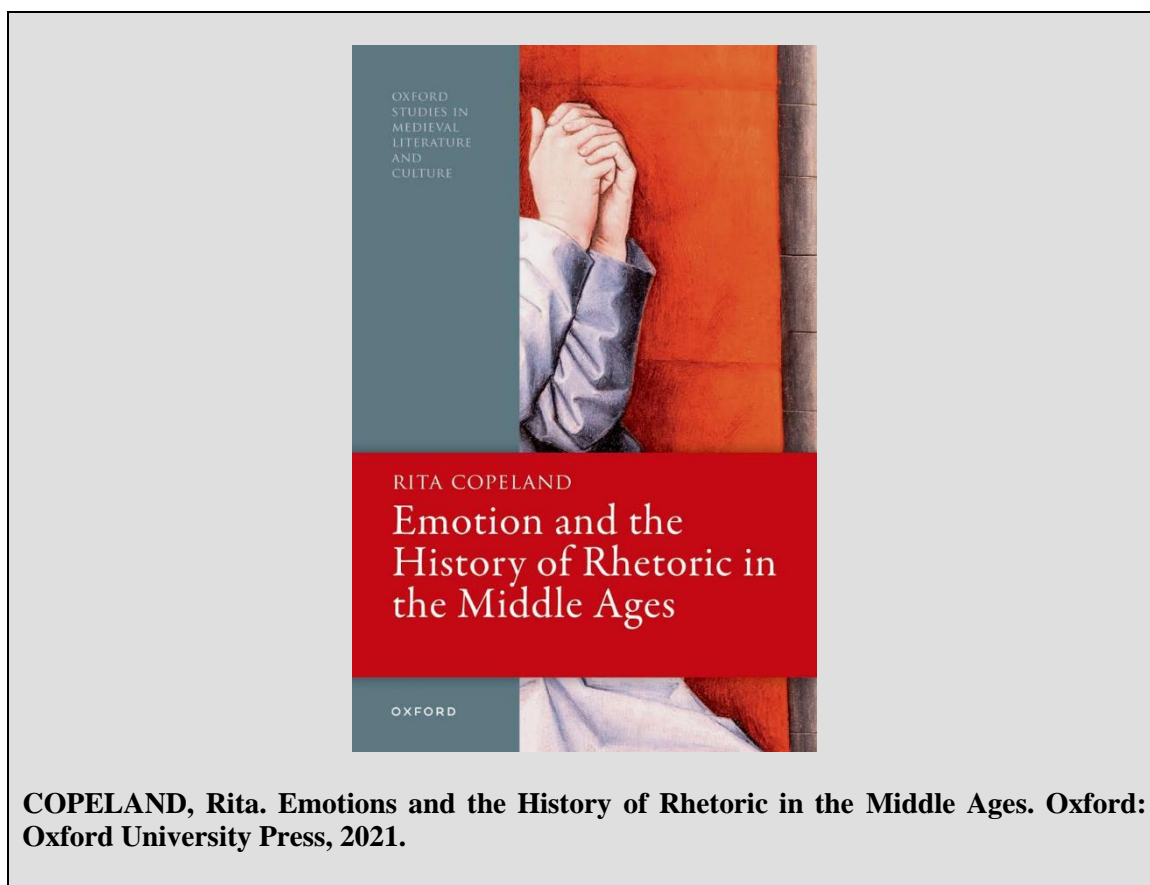


RESENHA DE: “EMOTION AND THE HISTORY OF RHETORIC IN THE MIDDLE AGES” POR BRUNO SOUSA SILVA GODINHO

Review of: “Emotion and the History of Rhetoric in the Middle Ages” By Bruno Sousa Silva Godinho

Bruno Sousa Silva Godinho
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7615-2014>
E-mail: brunossgodinho@gmail.com

Recebido em: 26/06/2023
Aprovado em: 29/07/2023



1. Biografia e publicações

Rita Copeland é professora do Departamento de Inglês da Universidade de Pensilvânia.¹ Sua carreira é devotada aos estudos sobre a Antiguidade e a Idade Média, concentrando seus interesses em temas como cultura literária, tradições intelectuais e recepções da cultura antiga na Idade Média, assim como da cultura medieval na Primeira Modernidade. Entre suas publicações individuais, destacamos monografias como *Rhetoric, hermeneutics, and translation in the Middle Ages* (Cambridge University Press, 1991) e *Pedagogy, intellectuals, and dissent in the Later Middle Ages* (Cambridge University Press, 2001). Ambas traçam genealogias importantes de conceitos e práticas letradas do período medieval.

Sua obra também compreende uma atuação como editora de volumes coletivos importantes como *Criticism and dissent in the Middle Ages* (Cambridge University Press, 1996), *Medieval grammar & rhetoric* (co-editado com Ineke Sluiter, Oxford University Press, 2009), *The Cambridge companion to allegory* (co-editado com Peter T. Struck, Cambridge University Press, 2010) e *The Oxford history of classical reception in English literature, vol. 1: 800-1558* (Oxford University Press, 2016). Em todos esses volumes fica evidente sua preocupação com a institucionalização de práticas letradas durante a Idade Média e, também, com seus usos dentro e fora das instituições.

2. Apresentação do livro

Introduzindo uma nova temática em suas pesquisas, a história das emoções, a autora trouxe à luz sua mais recente monografia, *Emotion and the history of rhetoric in the Middle Ages*, em 2021. Publicado pela Oxford University Press, o livro faz parte da coleção Oxford Studies in Medieval Literature and Culture. A ideia para o livro, como afirma a autora em seus reconhecimentos e agradecimentos (COPELAND, 2021, p. xi), surgiu de um encontro com um manuscrito duas décadas antes de sua publicação. Um longo período de produção e reflexão culminaram neste brilhante livro, ao qual nos dedicaremos agora em detalhes.

Composto por oito capítulos e uma introdução, *Emotion and the history of rhetoric in the Middle Ages* traça uma história de longa duração da representação do papel

da emoção em tratados retóricos ocidentais, da Antiguidade tardia ao fim da Idade Média. Apropriadamente, nas primeiras linhas da introdução, a autora antecipa a pergunta-chave que poderia ser feita sobre seu livro: “Por que estudar as emoções através da retórica?”. Sua resposta define, sucintamente, sua visão sobre a retórica como prática e estabelece a premissa que perpassa todo o livro: “A retórica é um mecanismo de discurso social e a arte encarregada de gerar e mover a emoção” (COPELAND, 2021, p. 1). Nesse sentido, não é um livro dedicado propriamente à história das emoções, mas sim à história da emoção como objeto da retórica: “Neste estudo estou mais preocupada com a produção do que com o consumo de conteúdo emotivo: isto é, como autores eram treinados por preceitos teóricos e práticos a mover audiências através de textos e discursos” (COPELAND, 2021, p. 1).

O pressuposto central do livro é o de que a retórica fornece, por seu “foco pragmático sobre a comunicação”, uma visão particularmente vantajosa para o estudo histórico das emoções no passado (COPELAND, 2021, p. 2). Isso porque a retórica constitui uma longa tradição de diferentes doutrinas, as quais tratam diferentemente o papel da emoção nas capacidades persuasivas do discurso. O livro traça, então, duas vertentes retóricas que se ocupam das emoções durante o período medieval. A primeira emerge de um período recuado, o século I a.C., quando as retóricas ciceronianas deram prioridade ao estilo e o tratamento das emoções é enquadrado como questão estilística. A segunda vertente aparece mais tardiamente, quando Guilherme de Moerbeke (1215-1286) traduz a *Retórica* de Aristóteles para o Ocidente latino e, em seguida, Gil de Roma (1243-1316) produz seu comentário definitivo sobre o texto aristotélico. Assim, a autora conta a história da retórica não como “bloco homogêneo, mas um sistema dinâmico de diferentes vertentes” (COPELAND, 2021, p. 13-14).

Para reconstituir essa história, a autora constrói seu argumento sobre um enquadramento de uma história da recepção dos textos que figuram como seus principais documentos. Isto é, seu método procede diacronicamente para estabelecer a genealogia dos textos conforme eles se configuram como autoridades e à medida que os conceitos são desenvolvidos e ramificados pela cultura letrada. Porém, como especifica a autora, não se trata de dar conta de toda a teoria emocional da retórica desde a Antiguidade, mas focar “na teoria que a Idade Média derivou de seu legado limitado da retórica clássica” (COPELAND, 2021, p. 3). Ao mesmo tempo, a autora procede sincronicamente quando

as duas vertentes, a ciceroniana e a aristotélica, estão em coexistência. Nessa análise sincrônica, ela estuda como a vertente aristotélica, que fornece um tratamento significativamente diferente ao papel das emoções em relação à tradição ciceroniana, interage e é absorvida pelos praticantes medievais treinados no legado ciceroniano (COPELAND, 2021, p. 6-8).

3. Um entrelaçamento de genealogias

Nossas próximas considerações terão como foco os capítulos em que a autora delinea aquilo que será herdado pela Idade Média como tradição retórica. Assim, primeiro faremos uma exposição sobre o primeiro capítulo, onde a autora estabelece o início da trajetória da retórica ciceroniana. Os capítulos 2 e 3 do livro são dedicados à expansão dessa trajetória até o século XIV cederão espaço para nossas considerações sobre o quarto capítulo. É neste último que a autora começa o segundo enredo, ou seja, a recuperação da retórica aristotélica e seu impacto na cultura letrada medieval a partir do século XIII. Os capítulos 5, 6 e 7 dão conta das diferentes formas de apropriação dos preceitos retóricos aristotélicos, igualmente cederão espaço para uma avaliação do último capítulo, um epílogo da autora sobre “retóricas mistas”. Proceder desta maneira permite demonstrar a efetividade do argumento e do método da autora, evitando a prolixidade e exaustividade desnecessária e permitindo que tenhamos, ao final, comentários sobre o interesse geral do livro aos estudos medievais no Brasil.

3.1. A tradição ciceroniana

No primeiro capítulo, a autora toma como ponto de partida a cultura letrada do século I a.C., tendo como referencial as práticas oratórias dos romanos. O capítulo estabelece o início da genealogia da tradição ciceroniana medieval delineando o traçado da recepção dos textos latinos. Entre os manuais retóricos mais influentes da cultura romana, o *De inventione*, de Cícero (106 a.C.-43 a.C.), foi aquele que mais circulou na Idade Média desde o fim do Império Romano. Nesse texto, dos tempos de juventude de Cícero e que nunca foi terminado, a emoção aparece como um recurso para, mas também

um produto da invenção – a parte da retórica que cuida do estabelecimento dos argumentos (COPELAND, 2021, p. 23).

Para a autora, o *De inventione* permite o surgimento de duas posições distintas, mas não exclusivas, a respeito do papel das emoções no discurso. Uma delas é “uma orientação filosófica que concerne a definição de um estado emocional”, baseada no estoicismo próprio ao texto de Cícero e sua incorporação pelos comentaristas neoplatônicos da Antiguidade tardia. Essa orientação “não estava direcionada à resposta da audiência, aos princípios internos de raciocínio da retórica”. A outra tradição toma como “ponto de partida o ensino ciceroniano de produzir pena e indignação através do uso estratégico da argumentação retórica (e lógica)”. A partir do exame dessas duas posições, Copeland determina que, a partir do *De inventione*, entra em jogo a percepção de que “a emoção não é primariamente encontrada na linguagem emotiva”, ou seja, não é produto do estilo do orador, “mas é um fator do raciocínio lógico” (COPELAND, 2021, p. 23).

O capítulo é subdividido em três seções. A primeira seção do primeiro capítulo é uma análise do conceito retórico de *affectio* a partir do *De inventione* e outros tratados retóricos do período imperial tardio (COPELAND, 2021, p. 24-36). Em sua análise, a *affectio* ocupa um lugar delicado, mas central, no pensamento retórico ciceroniano. É ela quem regula, filosoficamente, as emoções do orador e permite a ele exprimir-se adequadamente segundo a demanda emocional do caso arguido. Retoricamente, a *affectio* é o instrumento que permite medir as capacidades do réu de sentir emoções em geral e das emoções sentidas durante o ato julgado (COPELAND, 2021, p. 24-28).

No entanto, na Antiguidade tardia os comentários neoplatônicos alteram o sentido da *affectio* em sua recepção do *De inventione*. Em especial, Copeland toma como referência o comentário de Mário Vitorino (*fl. séc. IV*), no qual o conceito é posto em um enquadramento mais filosófico. Vitorino compara a *affectio*, que é temporária, com disposições mais permanentes do espírito, *habitus* e *virtus*. Na esteira de Vitorino, um tratado anônimo chamado *De attributis personae et negotio* estende essas considerações de pendor mais filosófico, alterando a tríade de conceito com a substituição da *virtus* pelo *studium*: a *affectio* é a impermanência do espírito que pode ser superada pelo *studium*, levando ao *habitus*. A *affectio*, nessa tradição, deixa de ser um instrumento da invenção para se tornar “um instrumento de análise filosófica e moral” (COPELAND, 2021, p. 28-

32). Então, Copeland consegue traçar a força dessas duas linhas de interpretação da *affectio* em sua recepção posterior durante a Idade Média, indicando que a linha neoplatônica predomina à medida que se multiplicam os comentários (COPELAND, 2021, p. 32-36).

Na segunda seção, Copeland passa para as considerações de Cícero sobre a peroração, a parte final do discurso. Nela, trata-se não mais de analisar a emoção como instrumento da produção de argumentos, mas de produzir emoção na audiência. O ponto crucial que chama atenção da autora em sua análise é que Cícero dedica considerações sobre como o próprio orador deve dramatizar as emoções que deseja ver no público. “A audiência será estimulada quando vir o orador afetado pelos próprios sentimentos que ele planeja produzir em outros”. Essa linha, para a autora, “parece prometer uma recepção mais ativa da retórica como ferramenta emocional” (COPELAND, 2021, p. 36-40).

Não são os comentários neoplatônicos da linha de Mário Vitorino que se ocupam desse aspecto da emoção na retórica, mas sim tratados atribuídos a Marciano Capela (360-428) e Júlio Severiano (c. 460). Com o *De nuptiis Philologiae et Mercurii*, de Marciano, fica demarcada uma posição de que a emoção é “um efeito persuasivo produzido pela argumentação tópica”. Embora tenha tido pouca circulação pela parca sobrevivência de manuscritos, o *Praecepta artis rhetoricae*, de Severiano, foi bastante apreciado entre as autoridades retóricas. Esses dois tratados, do período imperial tardio, refletem – segundo a autora – as “condições contemporâneas em que a retórica judicial encontrou seu propósito na categorização e condução de pequenos casos civis”. Lentamente, nessa linha de transmissão “a pragmática das emoções foi subordinada a uma pragmática mais urgente, a compreensão do sistema de argumentação que faz da retórica um instrumento intelectual tão maleável para qualquer campo do discurso” (COPELAND, 2021, p. 40-44).

Essa linha será intensificada ao longo do período medieval, especialmente a partir da Alta Idade Média. A autora examina brevemente dois comentários ao *De inventione*, um atribuído ao *magister* Menegaldo e outro de Thierry de Chartres. Ambos são econômicos em suas considerações sobre a produção de emoções, dando maior ênfase aos *communes loci*, os lugares-comuns, recursos centrais da argumentação retórica. Com esses comentaristas medievais, chega-se à culminância do movimento iniciado no período imperial tardio em que as emoções são efeitos do uso adequado das tópicas da invenção.

Essa recepção, conforme conclui a autora, “parece apresentar menos interesse nas emoções como tais, e muito mais interesse nos discursos que enquadram as discussões das emoções”. O estudo da *affectio* vai sendo lentamente transformado de objeto central em propedêutica para outros objetos de interesse moral-filosófico, os atributos do *habitus* e *studium* (COPELAND, 2021, p. 44-47).

Na terceira seção, Copeland postula que se a tradição ciceroniana do *De inventione* é recebida na Alta Idade Média com uma ênfase teórica e técnica aguda, isso não significa que os estudiosos medievais tenham deixado de lado o estudo das emoções. É nas considerações estilísticas da anônima *Rhetorica ad Herennium*, atribuída a Cícero durante a Idade Média, que Copeland encontra seu caminho. Os tratados retóricos que seguiram a linha acima descrita deixam um “vácuo no ensino estilístico” que efetivamente abre espaço para uma “indústria concorrente de tratados independentes devotados exclusivamente à *elocutio* na forma das figuras (*schemata*)”. As figuras, no entanto, eram também parte do domínio dos gramáticos. Tratados do período imperial tardio, como o *De figuris sententiarum et elocutionis*, de Áquila Romano (200-250), tiveram grande papel no estabelecimento das figuras elocutivas como meios de produção de emoção. Mas justamente por estarem atrelados ao estilo, esses tratados desenvolveram uma “estética”: “Por trás desses textos está uma teoria da mais alta ordem: mas é uma teoria da representação, configuração verbal, e técnica, ou seja, do artifício literário que exerce força sobre as emoções” (COPELAND, 2021, p. 47-54).

No encerramento do primeiro capítulo, a autora retoma a trajetória realizada: a tradição ciceroniana do *De inventione*, onde Cícero definia a *affectio* como elemento importante do instrumental argumentativo, dá lugar a duas posições significativamente distintas – mas não necessariamente excludentes entre si: o interesse filosófico-moral sobre o *habitus* e sua permanência (em oposição à impermanência das emoções) e a produção das emoções como efeito do apelo estilístico do discurso. A autora, então, coloca a pergunta: “Era a *elocutio* uma categoria forte o suficiente para acomodar o fardo ético de compreender e produzir emoção?” (COPELAND, 2021, p. 54-57), ao que responde com os dois capítulos seguintes, que mapeiam toda a apropriação medieval dessa herança ciceroniana, de Santo Agostinho a poetas do século XIV, como Petrarca e Chaucer.

3.2. A tradição aristotélica

A recuperação da *Retórica* de Aristóteles é traçada a partir do quarto capítulo.² Significativamente diferente da concepção ciceroniana, a retórica aristotélica é recebida pelo Ocidente latino apenas a partir da segunda metade do século XIII, quando Guilherme de Moerbeke produz sua tradução. A principal diferença da concepção proposta por Aristóteles é que as emoções não são algo a ser produzido na audiência pelo poder estilístico do discurso, mas uma condição de possibilidade da própria efetividade do discurso. As emoções, conforme pensava Aristóteles, eram “as condições que já e continuamente caracterizam a vida social e psíquica, e assim elas devem ser explicadas e compreendidas como uma realidade que preexiste qualquer tentativa de persuasão” (COPELAND, 2021, p. 156-157).

Ao longo dos séculos XIII a XV, a *Retórica* foi lida, comentada e apropriada por um público de intelectuais que já estavam lendo, comentando e, sobretudo, praticando as preceptivas da tradição ciceroniana. As *artes* discursivas medievais – *artes dictaminis, poetriae e praedicandi* – estavam repletas pelas concepções do *De inventione* e da *Rhetorica ad Herennium*. Como diz Copeland, a recepção da *Retórica* foi mais lenta, tendo em vista que “pouco do conteúdo técnico da tradição ciceroniana disponível para eles poderia ter preparado os leitores para a ênfase de Aristóteles nos fluidos aspectos cognitivo, ético e psicológico da retórica” (COPELAND, 2021, p. 156-157).

Na primeira seção, a autora faz o mesmo procedimento que realizou para o *De inventione*: retorna ao contexto de surgimento do tratado aristotélico e reconstrói seu percurso de recepção nos séculos seguintes, destacando suas características distintas. Diferentemente dos textos da tradição ciceroniana, a *Retórica* é, como costumeiro na obra de Aristóteles, uma sistematização. No lugar de tratar as partes do discurso, o tratado é organizado segundo categorias analíticas: provas, estilo e disposição. Essa forma de organização vai de par com a concepção mais geral de Aristóteles de que a função da retórica é “encontrar o que é persuasivo”. Desse modo, o filósofo estabelece que a retórica é contraparte da dialética. A argumentação dialética, que produz silogismos, encontra seu complemento no entimema produzido pela argumentação retórica (COPELAND, 2021, p. 158-159).

Copeland, então, demonstra como Aristóteles entrelaça a emoção (*pathos*) aos meios de persuasão. A retórica aristotélica é uma ramificação da política, ética e da dialética, na medida em que o discurso do orador trata dos assuntos da vida pública segundo o caráter (*ēthos*) dos envolvidos – o próprio orador, o réu, a audiência, etc. – e as emoções em jogo (COPELAND, 2021, p. 159). A retórica, para Aristóteles, não é propriamente uma ciência, mas um saber transversal sobre o discurso e seu poder sobre as pessoas que está a serviço de outros saberes. A retórica é um instrumento da cognição ligado à capacidade de produzir um discurso, bem como de apreender as condições da efetividade desse discurso.

No restante da seção, Copeland se debruça sobre o tratamento das emoções nos livros I e II da *Retórica*. No primeiro livro, segundo a autora, Aristóteles estabelece a premissa de que as emoções movem os seres humanos, “mudando-nos de uma disposição para outra, as emoções nos impulsionam a falar uns com os outros” (COPELAND, 2021, p. 161). Tendo essa premissa em vista, Copeland destaca a posição estabelecida no segundo livro de que as emoções não são efeitos do discurso, mas sim uma “realidade pré-existente” que deve ser apreendida pelo orador “como elementos do comportamento social” (COPELAND, 2021, p. 161-163). Essa posição já diferenciava o pensamento de Aristóteles de seus contemporâneos, como Górgias, e definitivamente traça um caminho diferente daquele delineado na tradição ciceroniana. Para Copeland, a *Retórica* “toma uma abordagem não-normativa, pragmática, descrevendo em grandes detalhes quais crenças, interações e percepções causam emoções para que o orador possa aproveitá-las e modificá-las” (COPELAND, 2021, p. 163).

Como afirma a autora, Aristóteles define as emoções como “inerentemente políticas”. O orador que consegue mobilizá-las demonstra seu entendimento preciso das emoções como elementos sociais e políticos constituintes da vida pública. O instrumento central do raciocínio retórico e da modificação das emoções é o entimema. Mais flexível que o silogismo, o entimema abarca contradições e as utilizava a seu favor no intuito persuasivo: “emoções são a um só tempo cognitivas e corporais, e as emoções excitadas em um discurso serão acompanhadas pelas sensações de prazer e dor que não respondem a uma lógica desapaixonada, mas ainda afetam o juízo”. Copeland conclui que o raciocínio retórico é um raciocínio prático “segundo o *pathos*” (COPELAND, 2021, p. 165-168).

Após a esquematização da concepção de retórica proposta por Aristóteles na primeira seção, as três seções seguintes dão conta da recepção do texto na posteridade. Após a morte de Aristóteles, a *Retórica* desaparece devido aos percalços da circulação da obra do filósofo e só será recebida em Roma quando lá já circulavam outras doutrinas. Em especial, predominava a teoria proposta por Hermágoras de Temnos, a qual estava no fundo teórico do *De inventione* e da *Rhetorica ad Herennium*. De modo geral, na Roma imperial tardia, a *Retórica* de Aristóteles pareceria defasada (COPELAND, 2021, p. 169-171).

Entre os povos de língua árabe das regiões conquistadas pelo islã, a primeira tradução da *Retórica* teria sido feita por volta do século IX. Essa tradução, que sobrevive até hoje em uma única cópia manuscrita (Paris, Bibliothèque nationale de France, MS arabe 2346), possivelmente serviu de base aos comentários posteriores elaborados por intelectuais como Al-Farabi (*m.* 950), Avicena (*m.* 1037) e Averróis (*m.* 1198), assim como pode ter sido base da primeira tradução latina, feita por Hermannus Alemannus (*fl.* 1240-1260), em meados do século XIII. Na tradição de comentários árabes, o que se destaca é o reenquadramento do pensamento retórico aristotélico dentro do *Organon*. Essa posição é mantida por Al-Farabi e é seu comentário que terá maior influência no Ocidente latino (COPELAND, 2021, p. 175-182).

A partir dos comentários árabes e das novas taxonomias do saber por eles propostas, a *Retórica* aparece no Ocidente medieval como parte dos textos lógicos de Aristóteles. Ainda no século XII, essa classificação será carregada adiante por intelectuais ocidentais como Dominicus Gundissalinus (*c.*1115-1190), Ricardo de São Vítor (*m.* 1173) e Alberto Magno (*c.*1200-1280). Como diz Copeland, embora os estudiosos medievais não tivessem ainda acesso direto ao texto, já o conheciam e desejavam lê-lo quanto antes. Isso se manifesta pelas três traduções diferentes produzidas ao longo do século XIII. A primeira, anônima, foi feita a partir do grego; a segunda, atribuída a Hermannus Alemannus, foi feita por volta de 1256 a partir do árabe; e a última, aquela que se tornaria o padrão, feita por Guilherme de Moerbeke por volta de 1269.

A partir da tradução de Guilherme, a *Retórica* passa a circular frequentemente entre os estudiosos latinos. No entanto, ela não suplanta a tradição ciceroniana. Os códices dedicados às *artes* ligadas ao ensino da retórica não costumavam conter o texto aristotélico, que circulava, em geral, em códices dedicados à filosofia moral. Como indica

a autora, cerca de 75% dos manuscritos da *Retórica* circularam em códices junto da *Ética* ou da *Política*. Um dos principais propulsores da retórica aristotélica entre os estudiosos ocidentais foi o comentário elaborado por Egídio Romano ou Gil de Roma (Aegidius Romanus, c.1243-1316). Exaustivo, o comentário de Egídio “continuamente coloca a *Retórica* em diálogo com outros trabalhos de Aristóteles e importa enquadramentos heurísticos de outros campos, incluindo a dialética, ciências naturais, metafísica e ética”. O comentário de Egídio, para Copeland, é o principal responsável por consolidar o posicionamento da *Retórica* entre as ciências morais, ou seja, a ética e a política (COPELAND, 2021, p. 183-188).

A última seção do capítulo retoma o fio principal do livro: como fica configurada a relação entre retórica aristotélica e emoções, na Idade Média, a partir do comentário de Egídio de Roma? Conforme argumenta Copeland, todo o conteúdo do livro II da *Retórica*, com sua “análise das emoções”, é recebido em um contexto em que outros sistemas filosóficos já haviam sido produzidos para dar conta das emoções. No caso de Egídio, sua formação havia sido influenciada pela obra de Tomás de Aquino (1225-1274). Para a autora, a obra tomasiana transmite uma orientação “normativa” das emoções. “Aquino estuda as paixões para fornecer orientação em direção à satisfação moral e espiritual, e não, como na *Retórica*, para apresentar um conhecimento fenomenológico”. Por essa perspectiva, a autora conclui o capítulo indicando que Egídio, em seu comentário, não apreende totalmente o papel das emoções na *Retórica* (COPELAND, 2021, p. 189-202).

Isso, contudo, não é o fim da história. A partir do quinto capítulo, dedicado ao tratado de Egídio chamado *De regimine principum*, Copeland desenha o restante da tradição aristotélica medieval. O *De regimine principum* teve um papel central na requalificação do papel das emoções (capítulo 5), fornecendo uma herança importante para poetas medievais que se debruçariam sobre temas políticos. Dante, Chaucer e Thomas Hoccleve (1368-1426) se apropriam do *De regimine* para formular suas próprias compreensões da política de suas épocas e instituir orientações para os líderes políticos (capítulo 6). Ademais, o *De regimine* também circulará entre os pregadores, servindo aos interesses pastorais de diferentes contextos com sua apreensão analítica das emoções (capítulo 7).

4. Considerações finais

O último capítulo do livro consiste em um epílogo dedicado às “retóricas mistas”. São analisadas a *Rhetorica nova*, de Raimundo Lúlio (Ramon Llull, 1232-1315); o anônimo *Eschéz d’amours* ou *Les Eschez amoureux*, seguido do comentário de Évrard de Conty (m. 1405); o *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*, de Christine de Pizan (1364-1431); e o *Quadrilogue invectif*, de Alain Chartier (c.1385-1390-c.1430). Para Copeland, esses textos “em que autores não reconhecem que estão engajando com um programa retórico diferente” daquele que tradicionalmente aprenderam – o ciceroniano. E isso se dá pela mediação do *De regimine principum*, que incorpora o raciocínio retórico e entimemático da retórica aristotélica. A partir da interação com a retórica aristotélica do *De regimine*, segundo a autora, os textos ampliam o escopo ético de suas narrativas (COPELAND, 2021, p. 343). Com isso, esses textos “mostram como valores emocionais são encontrados na estrutura dos argumentos” e que “o raciocínio no cerne de suas persuasões retóricas já valida a emoção como prova” sem que, necessariamente, seus respectivos autores tenham recorrido diretamente à *Retórica* de Aristóteles (COPELAND, 2021, p. 361).

Nesse longo percurso, da Antiguidade clássica ao século XV, Copeland demonstra um estudo exemplar de tradições e práticas letradas. Seu estilo de escrita é claríssimo e, atualmente, mais econômico do que já fora em publicações passadas.³ Suas formulações são precisas e sintéticas, fato que atribuímos ao profundo domínio da autora sobre suas fontes e sua bibliografia auxiliar. Esse estágio de domínio, contudo, é resultado de longos anos de reflexão e cuidadosa construção do pensamento.

A “dupla trama” do livro, como diz a autora, permite ver como a Idade Média foi um período de vivas tradições letradas. Ainda que os recortes temporais sejam mais longos nos primeiros séculos medievais – recorte inevitável devido ao estado da documentação estudada – há um crescente senso de aceleração da circulação de textos, ideias e práticas. À medida que o estudo da autora avança em direção à consolidação da retomada do *corpus aristotelicus* nos séculos XIII e XIV, percebe-se a disseminação da teoria aristotélica e seu poder de penetração naquilo que já estava estabelecido, a tradição retórica ciceroniana.

Um estudo como esse só poderia ser feito combinando uma grande erudição, que a autora demonstra reiteradamente desde seus primeiros trabalhos, com condições de pesquisa favoráveis. Ainda que tenha sido um estudo que levou duas décadas para ser concluído na forma de livro, esse seria o tempo necessário para cumprir todas as etapas que o método da autora demonstra terem sido cumpridas. A documentação usada por Copeland é variada, entre edições críticas e manuscritos. Chama atenção o cuidado reiterado da autora em observar os índices de sobrevivência e circulação de manuscritos, o que demonstra a relevância de, em tempos digitais, realizar pesquisa dentro dos arquivos.

Outro ponto importante a ser destacado é sua leitura extremamente cuidadosa das fontes, em uma prática exemplar de *close reading*. Copeland examina detalhadamente os textos e suas interrelações, estabelecendo sentidos precisos para os temas e conceitos estudados. Sua capacidade interpretativa é tal que as fontes são abertas diante de nossos olhos, tornando-se inteligíveis sem perda alguma de sua complexidade. Textos que anteriormente não haviam sido relacionados ganham novos sentidos a partir de seu fio condutor que liga retórica e emoção.

Resta dizer que, como boa parte das edições publicada pela Oxford University Press, o livro em si é de extrema qualidade. São raros os erros tipográficos e estes em nada prejudicam a compreensão do texto. Entre os elementos paratextuais são fornecidos uma lista de abreviações das obras de referência utilizadas, antes do início do livro propriamente dito; e, ao fim, seguem-se dois índices: um de pessoas históricas e títulos de obras citadas, outro de cunho geral. A bibliografia usada pela autora é exaustiva e as notas de referências, dadas ao pé da página, são abundantes e generosas. Leitores e leitoras encontrarão referências a trabalhos clássicos e recentes, o que demarca a boa prática da autora de manter-se atualizada sobre os trabalhos de seus pares, indicando os títulos recém-publicados que sejam pertinentes a seu objeto bem como outros que estariam por vir.

Recomenda-se a leitura de *Emotion and the history of rhetoric in the Middle Ages* a todos e todas que compartilham interesse pela Idade Média, em especial aqueles e aquelas que tiverem por interesse as histórias das emoções, da retórica ou das práticas letradas em geral. Em todo caso, Rita Copeland é uma historiadora exemplar e, sem dúvida, entre medievalistas, um dos maiores nomes de sua geração. Medievalista ou não,

qualquer pessoa que tenha oportunidade de lê-la não terá menos que uma grande experiência historiográfica.

5. Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Retórica**. Obras completas de Aristóteles (coord. António Pedro Mesquita), vol. VIII, tomo I. Prefácio e intro. Manuel Alexandre Júnior. Trad. e notas Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

COPELAND, Rita (ed.). **Criticism and dissent in the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

COPELAND, Rita. **Emotion and the history of rhetoric in the Middle Ages**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

COPELAND, Rita. **Pedagogy, intellectuals, and dissent in the Later Middle Ages**. Lollardy and ideas of learning. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

COPELAND, Rita. **Rhetoric, hermeneutics, and translation in the Middle Ages**. Academic traditions and vernacular texts. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

Disponível em: <https://archive.org/details/rhetorichermeneu0000cope>. Acesso em: 22 ago. 2023.

COPELAND, Rita (ed.). **The Oxford history of classical reception in English literature, vol. 1 (800-1558)**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

COPELAND, Rita; SLUITER, Ineke (ed.). **Medieval grammar & rhetoric**. Language arts and literary theory, AD 300-1475. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Disponível em: https://archive.org/details/medievalgrammarr0000unse_z2a1. Acesso em: 22 ago. 2023.

COPELAND, Rita; STRUCK, Peter T. (ed.). **The Cambridge companion to allegory**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

Disponível em: https://archive.org/details/cambridgecompani0000unse_v0v0. Acesso em: 22 ago. 2023.

¹ Cf. a página institucional da autora: <https://www.english.upenn.edu/people/rita-copeland>.

² Atualmente, pode-se encontrar uma excelente edição do texto em ARISTÓTELES. *Retórica*. Obras completas de Aristóteles (coord. António Pedro Mesquita), vol. VIII, tomo I. Prefácio e intro. Manuel Alexandre Júnior. Trad. e notas Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

³ Cf. COPELAND, Rita. *Rhetoric, hermeneutics, and translation in the Middle Ages*. Academic traditions and vernacular texts. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.